

Transforming⁴Trade

Transformar para o Comércio

Fevereiro de 2024

Cobertura especial da ONU Africa Renewal

**O caminho de
Angola para a
transformação
económica**

**Pequenas empresas
impulsionam
o crescimento
económico**



CONTENTS



4 Op-ed: Mudar o paradigma de desenvolvimento em Angola

6 Visão geral: Transforming4Trade

12 Transformação económica através do comércio

16 As pequenas empresas angolanas impulsionam o crescimento económico

22 Jovens “Empretecós” numa missão para transformar o país

26 Directora de universidade abre o caminho para mais mulheres em cargos de topo

28 Do petróleo à agricultura sustentável

30 “Transforming4Trade” vai remodelar as economias africanas

34 Poderá Angola tornar-se o centro logístico de África?

36 Produtores de mel contribuem para a economia rural e conservam a biodiversidade



Transforming4Trade

Coertura especial da ONU Africa Renewal

Em dezembro de 2023, a Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD) concluiu a implementação do Programa Conjunto UE-CNUCED “Train for Trade II” em Angola, como parte de sua Iniciativa de Alto Impacto Transforming4Trade (Transformar para o Comércio). A iniciativa defende abordagens políticas inovadoras para estimular desenvolvimento económico, com ênfase específica na melhoria das capacidades produtivas dos países e para alcançar transformação económica através da implementação sustentada de políticas baseadas em evidências. As Nações Unidas reconheceram o programa angolano como uma melhor prática para alcançar os Objectivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Esta publicação da Africa Renewal centra-se no impacto do programa, com base nos relatos em primeira mão dos beneficiários.

Escritor

Kingsley Ighobor

Editores (em inglês)

Sofia Diara

Zipporah Musau

Tradutor

Carlos Fiuza

Desenho

Paddy Ilos

ANTENSO
DEL



ARROZ • R
ONGO
CULTIVAR
KAMACUP
ANGO

100%
0%
óleo de soja
kira

100%
0%
óleo de soja
kira

1L

1L

Mudar o paradigma de desenvolvimento em Angola

O programa da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento centrado nas pessoas, apoiado em políticas e orientado para a capacidade produtiva

Por Paul Akiwumi

Desde 2017, o Programa Conjunto União Europeia-CNUCED para Angola: Train for Trade II tem adoptado uma abordagem

holística do desenvolvimento económico, baseada em dados e em evidências. A estrutura económica desta nação da África Austral, um dos 45 países menos avançados, está intimamente ligada à exploração dos ricos recursos petrolíferos do país.

No entanto, esta estrutura fez com que Angola ficasse fechada num ciclo de dependência dos produtos de base, excluindo outros sectores com elevado potencial de crescimento e emprego. No plano do desenvolvimento, este ciclo aprofunda a pobreza e a desigualdade. Reduz igualmente as oportunidades económicas, em especial para as comunidades rurais, as mulheres, os jovens e outros grupos vulneráveis.

Adoptar uma abordagem holística do desenvolvimento económico

Para diminuir a dependência do modelo de crescimento baseado nos produtos de base, a CNUCED decidiu escrever uma nova narrativa. Com o apoio financeiro

da União Europeia (UE), o Programa Conjunto para Angola adopta uma abordagem abrangente que permita diversificar as exportações e a economia, ligando Angola às cadeias de valor regionais e globais.

Esta abordagem holística representa um novo paradigma de desenvolvimento. Trata-se de uma mudança no sentido de um planeamento do desenvolvimento baseado em dados concretos que engloba toda a economia. O seu objectivo é substituir o modelo aplicado até agora, que se centrou estritamente em projectos sectoriais e de curto prazo que não produziram os resultados desejados.

O modelo inovador da CNUCED sublinha a importância de programas inclusivos, multisectoriais e multiparteiros ligados às políticas nacionais de desenvolvimento. Quem aplicar o modelo adopta uma visão a longo prazo, reforçando progressivamente as capacidades produtivas nacionais para transformar as estruturas económicas e tirar partido das vantagens comparativas.

Três factores facilitadores: Abordagem, compromisso e competências



Ao longo dos últimos seis anos de trabalho em Angola, a CNUCED identificou três factores como facilitadores críticos do sucesso do Programa.

A primeira é a abordagem integrada, de toda a sociedade, que todos os níveis adoptaram. A CNUCED trabalha directamente com o Governo de Angola, o sector privado, o meio académico e a sociedade civil numa série de necessidades e prioridades nacionais.

O Programa integra todos os parceiros no seu mecanismo de gestão. Nessa medida, constituiu-se um grupo central de angolanos, angolanos que compreendem a motivação para um novo paradigma de desenvolvimento e que têm trabalhado em conjunto ao longo do tempo para efectuar esta mudança.

Em segundo lugar, o sucesso do programa assenta em compromissos institucionais profundos, não só em relação à diversidade económica, mas também a uma abordagem abrangente e



UNCTAD's Paul Akiwumi discusses trade with Angola's Secretary of State for Commerce, Amadeu de Jesus Leitão Nune.    Ministério da Indústria e Comércio Angola

participativa da elaboração de políticas.

Através do apoio a 15 políticas e processos nacionais – entre os quais a revisão das políticas de investimento de Angola, a criação de um quadro para as indústrias culturais e criativas e o desenvolvimento de uma política nacional abrangente de empreendedorismo – as instituições angolanas estão a codificar o seu profundo compromisso.

Esta firmeza é essencial para a sustentabilidade do programa e para a obtenção dos resultados pretendidos. Ao avançar para a adopção destas políticas nacionais, o país pretende criar os quadros necessários para o crescimento nos próximos anos. A abordagem holística caracteriza-se por políticas complementares e, sobretudo, pelo empenhamento dos intervenientes internos.

Em terceiro lugar, no âmbito do programa, os esforços concentraram-se no

desenvolvimento das competências da mão de obra do país e no reforço das capacidades produtivas em vários sectores industriais.

Por exemplo, a formação de empresários em sectores ecológicos fundamentais e o acompanhamento do comité nacional de facilitação do comércio reforçaram o capital humano em iniciativas fundamentais relacionadas com o comércio. O reforço da capacidade dos angolanos para estabelecer parcerias público-privadas (PPP) e criar corredores de transporte ajuda a aliviar o estrangulamento logístico do comércio.

Objectivos ambiciosos, resultados impressionantes

O Programa Conjunto UE-CNUCED era bastante ambicioso quando os dois parceiros começaram a implementá-lo em 2017. Mas todo o trabalho árduo produziu

resultados significativos, ultrapassando as expectativas dos objectivos do próprio programa em sete componentes. O programa deu formação a mais de 3 300 angolanos, mais de um terço dos quais mulheres.

O apoio da CNUCED ao estabelecimento de PPP em infra-estruturas de transporte e logística ajudou a lançar concursos para as principais componentes do corredor do Lobito, totalizando um investimento de 3,2 mil milhões de dólares por parte do Governo. Através deste corredor, os agricultores das províncias remotas poderão fazer chegar os seus produtos biológicos aos mercados.

Talvez mais revelador, os dados macroeconómicos mostram uma tendência positiva de diversificação na economia angolana. As exportações não petrolíferas do país aumentaram mais de 5,7 por cento desde 2016. Embora o caminho para um crescimento sustentável e inclusivo seja longo, Angola – com o apoio dos principais parceiros de desenvolvimento – está a dar passos importantes.

O Programa para Angola serve agora de modelo para outros países em desenvolvimento porque aborda os desafios de desenvolvimento que as economias estruturalmente fracas e vulneráveis enfrentam. O Departamento de Assuntos Económicos e Sociais da ONU identificou o seu processo consultivo como uma das boas práticas para alcançar os Objectivos de Desenvolvimento Sustentável até 2030. A sustentabilidade a longo prazo do programa angolano exige um financiamento adequado e um forte empenho das instituições do país e dos parceiros de desenvolvimento.

Actualmente, vários países em desenvolvimento de várias regiões do mundo iniciaram ou estão a iniciar intervenções semelhantes, promovendo a cooperação Sul-Sul e triangular. Esta é a forma mais segura de os países progredirem no domínio do desenvolvimento sustentável.

Paul Akiwumi é o Director da Divisão para África, Países Menos Avançados e Programas Especiais (da CNUCED).

Visão geral: Transforming 4Trade

Um programa conjunto da UE-CNUCED está a mudar vidas para melhor

Há alguns anos, Angola estava prestes a sair do grupo dos países menos avançados (PMA), um marco significativo, uma vez que 33 dos 45 PMA se situam em África.

Sair da lista de países menos avançados das Nações Unidas aumenta normalmente a confiança dos investidores e confere aos países o direito de se vangloriarem da sua boa gestão económica e dos seus progressos em matéria de desenvolvimento. Mas a pandemia de COVID-19, a dívida externa, a volatilidade dos preços do petróleo – o petróleo representa cerca de 94% das receitas externas do país – e outros factores macroeconómicos adversos abrandaram estes progressos.

No entanto, o país continua a ser uma das maiores economias de África, com um crescimento recente impulsionado pelas receitas do petróleo e por um sector não petrolífero em crescimento, de acordo com o Fundo Monetário Internacional.

Luta contra a pobreza

A transição de país menos avançado para país em desenvolvimento exige a resolução de muitos desafios em matéria de desenvolvimento. Com o desemprego a atingir 29,6%, de acordo com o Banco Mundial, o governo está a lutar contra a pobreza através de vários pilares de desenvolvimento, incluindo a

transformação económica estrutural, o desenvolvimento de infra-estruturas e o desenvolvimento do capital humano. E o apoio vem de muitos parceiros, incluindo a Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (CNUCED) e a União Europeia (UE).

TAs sete componentes do Programa Conjunto UE-CNUCED para Angola Train for Trade II (2017 a 2023), reforçam esses pilares.

Adopção de uma abordagem global da sociedade

O programa Train for Trade II é único devido à sua abordagem holística e global da sociedade. Aborda vários desafios de desenvolvimento em simultâneo, assegurando resultados positivos que se reforçam mutuamente.

O Director da Divisão para África, Países Menos Avançados e Programas Especiais da CNUCED, Paul Akiwumi, sublinha a grande incidência do programa nas reformas políticas, na diversificação económica, no desenvolvimento da cadeia de valor, no apoio ao empreendedorismo, na capacidade de negociação comercial, nas normas internacionais de exportação e na melhoria da logística comercial.

“A nível institucional, o nosso apoio à capacidade do sector privado para exportar produtos como o mel levou ao

Um restaurante de luxo em Luanda, propriedade do Sr e Sra Hironidino Garcia.





O Zedo
Couteiro-Mor

Dom Gabriel
Vale de Anebo

BARAO
RODRIGUES

MAIS DO
N.º 101



desenvolvimento de quadros e infra-estruturas de certificação no país”, afirma o Dr. Akiwumi.

E acrescenta: “O programa tem um impacto profundo, incluindo a criação de uma nova geração de empresários destinados a conduzir o país para o futuro.”

Olga Afonso Dicamba, directora-geral do Instituto Nacional de Infra-estruturas de Qualidade de Angola, afirma que o programa está a tornar o governo mais eficaz na implementação de controlos de qualidade para que os produtos angolanos cumpram as normas e padrões internacionais.

Pilares do desenvolvimento de Angola

- Transformação económica estrutural, investindo em sectores como a agricultura, a pecuária e as pescas, e melhorando a facilidade de fazer negócios.
- Desenvolvimento de infra-estruturas através da construção de estradas modernas, portos e plataformas logísticas.
- Desenvolvimento do capital humano através da formação dos empresários em competências e conhecimentos essenciais.

“Queremos ter a certeza de que ‘Made in Angola’ significa qualidade”, sublinha a Dra. Dicamba numa entrevista. “Por exemplo, os seminários de formação organizados para as pessoas que operam no sector das pescas deram-lhes a conhecer padrões de trabalho que podem utilizar – um processo de qualidade superior, desde a produção até à distribuição.”

Reforçar a formação

Os resultados foram impressionantes. Mais de 3,300 indivíduos, dos quais 2,171 homens e 1,126 mulheres, receberam formação em vários domínios. Com centenas de “empretecos” a dinamizar as actividades empresariais em todo o país, os especialistas prevêem agora uma retoma económica que poderá colocar Angola numa trajectória de desenvolvimento sustentável.

Por todo o país, estão a surgir pequenas empresas, criando muitos





postos de trabalho. Cerca de 85 por cento (450 pessoas) dos empresários formados no âmbito do Programa Train for Trade II registam um aumento das vendas, e uma taxa de crescimento anual de 72 por cento na criação de emprego foi observada nas empresas formadas, informou a CNUCED. Gestores de 30 das 100 maiores empresas de Angola frequentaram a formação Empretec.

No Soyo, no norte de Angola, os membros “empretecos” da Associação de Empresários da Província do Zaire estão a cultivar vastos campos agrícolas, a construir armazéns e pensões e a criar oportunidades de emprego.

Em Luanda, a capital angolana, jovens técnicos estão a incubar ideias de start-ups e a impulsionar a inovação.

No Huambo, a Universidade José Eduardo dos Santos está a formar um grupo de mulheres e homens em técnicas modernas de produção de mel, impulsionando o empreendedorismo local.

Em N’zeto, Antonio Sambiamo, um funcionário da administração do governo local, não só está a aventurar-se na agricultura em grande escala, como também a organizar seis músicos num grupo, na esperança de aproveitar as oportunidades futuras no sector criativo.

No Lobito, Ariana Chiteculo, de 21 anos, está a lançar uma empresa de bolos e snacks, com o objectivo de a transformar numa padaria e, ao mesmo tempo, pagar os seus próprios estudos universitários. A sua história de sucesso exemplifica a forma como a formação Empretec capacita as jovens mulheres para fundarem empresas, empregarem pessoal e contribuir para as suas economias locais.

Reduzir a burocracia

Para promover o investimento, os líderes angolanos estão a dismantelar gradualmente os estrangulamentos burocráticos, rejuvenescendo o comércio interno e internacional. O seu trabalho inclui revisões em curso da legislação fundiária, um acesso mais liberal a divisas estrangeiras para os empresários angolanos e um processo simplificado de concessão de vistos de entrada,

entre outras iniciativas.

“O nosso objectivo é fazer de Angola um pólo de exportação na região”, afirma Manuel Bessa, técnico da Agência de Investimento Privado e Promoção das Exportações do país.

À medida que a diversificação ganha ímpeto, Angola está a aumentar a produção em massa de produtos como o mel e o peixe, entre outros. Está em curso um grande projecto de aquacultura em Porto Amboim, província do Kwanza Sul, 270 km a sudeste de Luanda. Quando estiver operacional, poderá produzir 1.000 toneladas de peixe por ano para os mercados interno e externo.



Temos de investir mais em infra-estruturas, especialmente em comunicações e estradas, para facilitar a circulação de pessoas e bens. A ligação do Caminho-de-Ferro de Benguela à Zâmbia e à RDC irá impulsionar significativamente o comércio nessa sub-região.”

— Francisco José da Cruz, Representante Permanente da República de Angola junto das Nações Unidas em Nova Iorque

Fábrica da Maxmel Honey no Huambo.



Esta formação deveria ser obrigatória para todos os jovens em Angola e em toda a África. Precisamos de mudar o destino deste continente.”

— Wilson Kiteque, promidente formador da Empretec

Saraiva Santos, presidente da Associação Nacional de Aquacultura, regressou recentemente do Vietname, onde participou na formação organizada pela CNUCED sobre a valorização sustentável dos produtos da pesca e da aquacultura para exportação. Prevê que “2024 será um ano de grande impulso para a aquacultura em Angola”.

O governo está a criar centros logísticos em seis locais estratégicos – Luvo, Soyo, Lobito, Caála, Luau e Arimba – em todo o país, equipados com inspeção fitossanitária e instalações de armazenamento melhoradas. Em Novembro, o governo inaugurou um aeroporto internacional ultramoderno em Luanda.

Com o apoio da CNUCED, o governo está também a rever as políticas nacionais em matéria de direitos de autor para reforçar a economia criativa, um sector com grande potencial de criação de emprego.

CCatarino Fontes Pereira, presidente do conselho de administração da Agência Reguladora de Certificação de Carga e Logística de Angola, prevê um elevado nível de interoperabilidade logística até 2025; e os funcionários estão a negociar habilmente a cooperação logística com os



seus homólogos de outros países.

Chaves para o sucesso

O Departamento de Assuntos Económicos e Sociais das Nações Unidas (UNDESA) reconhece o programa Train for Trade II como uma história de sucesso global para os Objectivos de Desenvolvimento Sustentável, especificamente as suas boas práticas de implementação. A CNUCED procura, agora, replicar este sucesso noutros países, no âmbito de um programa mais vasto “Transforming4Trade” – uma das

12 Iniciativas de Elevado Impacto das Nações Unidas para aumentar a acção com vista à realização dos ODS.

O sucesso do programa deve-se principalmente à sua estrutura, ao apoio total do governo e a uma coordenação eficaz. As suas grandes áreas de intervenção estimulam “a transformação económica estrutural através de uma abordagem holística do desenvolvimento”, explica o Dr. Akiwumi.

O Ministério da Indústria e do Comércio coordena o programa em nome do governo angolano e outros 22



Women honey producers in Bailundo, Huambo Province.

ministérios estão a apoiar a sua implementação, reunindo-se anualmente para analisar os progressos realizados.

Além disso, o programa tem um comité director a nível ministerial que se reúne anualmente para definir políticas, analisar os progressos e fornecer orientações estratégicas, e um comité técnico com representantes de vários departamentos ministeriais. O comité técnico reúne-se regularmente para identificar desafios, sugerir soluções e fazer recomendações ao comité director.

Além disso, o Secretário de Estado

do Comércio, Amadeu de Jesus Leitão Nunes, atribui à CNUCED uma coordenação efectiva. “Temos a sorte de ter a presença da CNUCED em Angola para ajudar a criar consensos e a interagir com outras instituições.”

O Dr. Nunes espera que a UE mantenha o seu financiamento para além de 31 de Dezembro de 2023, data em que o programa termina. Se o financiamento for interrompido, o Comissário afirmou que

7 Componentes do programa Train for Trade II

- Exportações ecológicas: Diversificar a economia através de oportunidades comerciais não petrolíferas.
- Diplomacia comercial: Reforço das capacidades em matéria de elaboração, análise e negociação de políticas comerciais.
- Facilitação do comércio: Apoiar a aplicação do Acordo de Facilitação do Comércio da Organização Mundial do Comércio.
- Logística dos transportes e do comércio: Promoção de sistemas sustentáveis de transporte e de logística comercial, abordagens baseadas em corredores e clusters.
- Empretec: Investir nas pequenas e médias empresas e criar um quadro político para o espírito empresarial.
- Investimento: Revisão das políticas de investimento.
- Indústrias culturais e criativas: Reforçar as indústrias culturais e criativas através de uma estratégia coerente e da formação de agentes dos sectores público e privado.

o Governo irá explorar fontes de financiamento alternativas.

Estes níveis de interesse e empenhamento conduziram a resultados tangíveis. São o testemunho do que Angola pode alcançar através de esforços concertados, coordenados e de colaboração.

Transformação económica através do comércio

Uma conversa com Amadeu de Jesus Leitão Nunes, Secretário de Estado do Comércio de Angola

Numa entrevista com **Kingsley Ighobor**, da Africa Renewal, em Luanda, capital de Angola, **Amadeu de Jesus Leitão Nunes** fala sobre os projectos agrícolas do seu país, a parceria de sucesso com a Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (CNUCED) e a União Europeia (UE) para promover o desenvolvimento económico, o apoio às mulheres e aos jovens empresários, a Zona de Comércio Livre Continental Africana (ZCLCA) e muito mais. Eis alguns excertos dessa conversa.

A primeira questão é simples: Angola está pronta para a actividade comercial?

Há muito tempo que Angola está pronta para a actividade comercial. Se analisarmos a história de Angola antes da independência, o comércio era muito próspero, tão próspero que Angola importava apenas supostos produtos supérfluos. Nós éramos muito auto-suficientes em termos de alimentação.

Onde gostaria que a economia de Angola estivesse?

A nossa ambição a curto prazo é não depender tanto das exportações de petróleo. Queremos diversificar a economia.

Isto significa aumentar a produção de quase todos os bens, e não apenas dos bens primários. Temos de aumentar a produção agrícola para alimentar a nossa população e acelerar a industrialização

do nosso país. Precisamos de aumentar a produção também para exportação, com valor acrescentado na transformação.

Em que produtos principais pretende concentrar-se?

Nos cereais, como o milho, o arroz, o feijão, e as proteínas animais – ovos e frango. É por isso que temos programas importantes como

- PLANAGRÃO, para a promoção da produção de grão na agricultura de cereais,
- PLANAPESCAS, para a promoção da pesca, e
- PLANAPECUÁRIA, para a promoção e o desenvolvimento da pecuária.

O programa do governo para a agricultura apoia o sector privado?

Nestes três grandes programas, o Estado e o sector privado estão alinhados. A participação do sector privado é fundamental no quadro institucional do Estado.





Naturalmente, as terras aráveis pertencem ao Estado, que as concede a entidades privadas, especialmente para fins agrícolas.

Existem incentivos, tais como garantias de financiamento para o sector privado?

Sim, há incentivos significativos. Para os programas que precisamos de desenvolver, bancos como o Banco Nacional de Angola [banco central] estão a dar incentivos como financiamentos com taxas de juro mais baixas do que as oferecidas pelos bancos comerciais.

Para os produtos essenciais, estamos a baixar o Imposto sobre o Valor Acrescentado, de 14% para 5%. Estas iniciativas apoiam o sector privado.

Quais são os principais destinos de exportação e quais os produtos?

Excluindo o petróleo, Angola está a exportar frutas, especialmente bananas, ananases e abacates. As nossas exportações destinam-se aos países vizinhos, como o Congo, e à Europa e China.

Empresários, artistas, facilitadores do comércio e outros falam com entusiasmo do programa Train for Trade II. Porque é que acha que a parceria do governo com a CNUCED e a UE tem sido eficaz até agora?

Em primeiro lugar, o programa “Train for Trade II” baseia-se nos resultados positivos do programa “Train for Trade I”.

Em segundo lugar, a estrutura do projecto tem sido boa. Como sabem, temos sete componentes diferentes neste projecto, e esta relação funciona bem. O nosso Ministério [Ministério da Indústria e do Comércio] tem a responsabilidade política institucional de estabelecer a ligação com as outras instituições envolvidas, e elas aceitaram o nosso papel de ministério coordenador.

Por último, temos a sorte de ter um representante da CNUCED em Angola que ajuda a criar consensos, tem uma atitude proactiva e sabe como se envolver e dialogar com outras instituições.



O programa termina em Dezembro. O que é que se segue?

Numa reunião com a UE, manifestámos o nosso interesse e a nossa vontade de continuar o programa. De facto, gostaríamos que o programa continuasse, mesmo que tenhamos de procurar outras fontes de financiamento.

A nova embaixadora da UE acaba de apresentar as suas credenciais. Iremos encontrar-nos com ela e apresentar a nossa proposta de continuação do programa.

Muitos dos jovens beneficiários dos programas esperam que o governo facilite a actividade empresarial. Outros peritos, do governo e da CNUCED, fizeram recomendações sobre esta questão. Está empenhado em facilitar a adopção das suas

recomendações?

Sim. Temos muitos programas de apoio a novos empresários. O Ministério da Economia e do Planeamento coordena estes mecanismos. Outros ministérios também contribuem significativamente para o empreendedorismo.

Além disso, o Instituto Nacional de Apoio às Micro, Pequenas e Médias Empresas (INAPEM) tem uma plataforma que reúne todas as instituições que trabalham para promover o empreendedorismo.

Por último, o Ministério da Economia e do Planeamento organizou um ou dois fóruns de startups com grande sucesso. Foram cerca de 300 startups e esperam ter 1.500 startups no fórum do próximo ano.

Está a planear tirar partido da



O Secretário de Estado de Angola, Amadeu de Jesus Leitão Nunes numa feira comercial.

📍 Ministério da Indústria e Comércio Angola

ZCLCA, que permitirá a livre circulação de bens e pessoas e eliminará a maioria dos direitos aduaneiros sobre as mercadorias?

Estamos a trabalhar com a Comissão Económica das Nações Unidas para África numa estratégia nacional para a implementação da ZCLCA. Penso que em Maio ou Junho de 2024 já a teremos.

Digo sempre que, em África, somos concorrentes porque a maior parte dos bens que produzimos em Angola são os mesmos que produzimos na Namíbia, na Zâmbia ou no Congo. Por isso, temos de procurar a complementaridade – oferecer bens e serviços que complementem os dos nossos vizinhos. Foi por isso que pedi à ECA que analisasse a nossa

estratégia para encontrar mecanismos complementares que possamos criar com os nossos vizinhos.

Pensemos nos transportes. A África do Sul tem uma indústria automóvel, mas o país não fabrica todas as peças do carro. Da mesma forma, as peças de um avião Airbus vêm de vários sítios – o motor pode ser de Inglaterra, as asas da Alemanha, os assentos de Portugal ou Espanha – e depois a montagem é feita em Toulouse, França. Trata-se de uma complementaridade necessária.

Em termos conceptuais, há quem apregoe que a ZCLCA é um projecto transformador, que irá criar milhões de empregos e transformar África. O que é que acha?

Com base na minha experiência e no meu conhecimento destas questões na Europa, onde estudei, a ZCLCA é a nossa aspiração; só será bem-sucedida com um compromisso político sério dos nossos países.

Sem esse compromisso, a ZCLCA não passará de mais um instrumento e cada país pode fazer negócios à sua maneira. Na Europa, houve esse empenho e os estados-membros conseguiram fazer com que a UE chegasse ao ponto em que se encontra actualmente.

Tem muitas esperanças no sucesso da ZCLCA?

Tenho esperança, mas digo aos meus colegas [ministros do comércio] que o sucesso requer um diálogo contínuo, explicação e consentimento das pessoas. Podemos ter uma superestrutura como a ZCLCA, mas temos de envolver verdadeiramente as nossas populações – empresários, empresas, sector privado, estudantes e universidades.

Muitas vezes, os nossos programas não conseguem abranger toda a gente, o que significa que não podemos ser inclusivos. Por isso, se conseguirmos alcançar a inclusão, podemos avançar.

As mulheres constituem cerca de 70 por cento dos comerciantes transfronteiriços informais em África.

Como é que o governo está a apoiar as mulheres comerciantes?

Sim, as mulheres são responsáveis por uma grande parte do comércio informal. Temos um programa, financiado pela UE, para converter a economia informal numa economia formal. O Ministério dos Assuntos Sociais, da Família e da Promoção da Mulher está totalmente envolvido neste programa.

No Bailundo, uma aldeia no Huambo, encontrámo-nos com um grupo de mulheres que estavam a aplicar o que tinham aprendido na Universidade do Huambo à sua actividade de produção de mel. Elas precisavam de algum apoio do governo.

A produção de mel aumentou em todo o país. Em todas as partes do país – a Huambo, Cuando Cubango, Moxico e por aí fora – há mel. Quando vamos às feiras locais, vemos muito mel, e é mel de qualidade.

Há um senhor que está sempre a telefonar-me, dizendo: “Não sei como vou vender o meu mel. Nem sequer tenho um carro para transportar o meu mel. Vou perder o mel. O mel vai-se estragar”. Imaginem pessoas como ele em todo o país!

Por isso, temos de trabalhar na certificação e em tudo o que acrescenta valor. Além disso, o Train for Trade II tem um programa para o mel, e penso que o devíamos explorar com mais vigor.

A partir do que sabe sobre a base industrial, o comércio, as trocas comerciais e o desenvolvimento de Angola, como vê o país nos próximos cinco anos?

O governo está a trabalhar para melhorar as condições de vida dos cidadãos. Estamos todos a trabalhar para alcançar a segurança alimentar. Estou confiante de que podemos reduzir significativamente a nossa dependência das importações de alguns bens, aumentar a produção de muitos outros bens e garantir a segurança alimentar.

As pequenas empresas angolanas impulsionam o crescimento económico

As micro, pequenas e médias empresas (MPME) são a espinha dorsal de qualquer economia. Angola está determinada a abandonar a dependência do petróleo, que constitui actualmente cerca de 94% das receitas externas.

Embora a economia angolana tenha crescido uns impressionantes 3,1% em 2022, o Banco Mundial atribuiu este crescimento princi-

palmente à melhoria das receitas do petróleo e a uma melhor gestão económica.

Reconhecendo a necessidade de o país diversificar a sua economia, a Conferência das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento (CNUCED) está a ajudar activamente o governo a implementar o vasto programa Train for Trade II financiado pela União Europeia

e destinado a capacitar milhares de empresários angolanos predominantemente envolvidos em MPMEs.

A Africa Renewal entrevistou três proprietários de pequenas empresas de sucesso, para esclarecer os factores-chave do seu sucesso e as perspectivas que vêem para as suas empresas e para o seu país.

Hirondino e Carolina: Uma história de amor nos negócios

Como o trabalho árduo de um casal amoroso beneficia a sociedade

Hirondino Garcia e a sua mulher, Carolina, têm uma relação única que contém lições valiosas para novas empresas, especialmente em África. Gerem em conjunto vários pequenos negócios – um fast-food de luxo, um centro de formação em empreendedorismo, uma imobiliária, uma padaria, uma quinta e um ginásio.

O que faz com que a sua parceria funcione?

Em primeiro lugar, complementam-se bem. Em segundo lugar, mantêm a actividade profissional separada da vida familiar. Em terceiro lugar, envolvem os seus empregados na actividade das empresas, o que cria laços fortes e ajuda as pessoas a melhorar as suas vidas. Por último, contribuem para a sociedade de várias formas.

Carolina explicou: “Cada um de nós traz algo diferente para a mesa. O meu

marido é ousado e arrisca, enquanto eu sou mais cuidadosa e trabalho nos pormenores.”

Hirondino acrescentou: “Ela traz calma e é boa a gerir”.

O trabalho fica no escritório

O seu percurso começou há 38 anos, quando se casaram. Carolina, que estudou gestão e economia, trabalhava no departamento de recursos humanos e planeamento financeiro de uma empresa; e Hirondino era produtor de televisão. Hirondino deixou o seu emprego na televisão, alistou-se no exército nacional e depois deixou o exército para abrir uma agência de viagens. Pediu a Carolina que o ajudasse a gerir a agência depois de ter perdido o emprego. Ela utilizou as suas competências e experiência para melhorar as operações da empresa e Hirondino utilizou os seus contactos para angariar clientes.

A sua maior força enquanto parceiros de negócios é o amor pelo que fazem.

“Fazemos as coisas com amor”, diz Carolina. Mas trabalhar em conjunto como cônjuges tem os seus desafios.

Carolina descreveu o marido como “um homem muito activo, viciado em trabalho. Houve uma altura em que ele chegava a casa e falava de negócios, mas eu dizia-lhe: ‘Sou a tua mulher em primeiro lugar, não sou apenas um parceiro de negócios’. Ele percebeu. O trabalho tem de ficar no escritório”.

Hirondino concorda: “Trazer o negócio para casa pode prejudicar a nossa relação”.

A criação de postos de trabalho pode estimular os empresários

O casal Garcia também cria postos de trabalho, ajudando a sua comunidade a crescer. Empregaram mais de 40 trabalhadores directos e muito pessoal de apoio.



Um dos seus segredos para o sucesso é o facto de tratarem os seus empregados como família, como se fizessem parte do seu negócio. Também encorajam os seus empregados a criar negócios paralelos.

Por exemplo, um empregado iniciou um serviço de entrega de motociclos, outro começou a fazer iogurtes e ambos os empresários fornecem serviços e produtos para a empresa do casal. Os seus antigos empregados continuam a apoiá-los com boas ideias.

Para além de gerirem o seu negócio, Hirondino e Carolina contribuem para a sua comunidade. Todos os meses, em igrejas e hospitais, fornecem refeições a 600 pessoas carenciadas.

Quando a COVID-19 chegou em 2020, reuniram cantores famosos de Angola para produzir uma canção que unisse as pessoas em tempos difíceis.

Os empresários de sucesso estão sempre a aprender

Embora os Garcias já estivessem a gerir a sua carteira de negócios, decidiram frequentar uma formação em empreendedorismo em 2018, organizada

pela CNUCED em colaboração com o governo angolano e financiada pela União Europeia. O programa Train for Trade II abriu-lhes os olhos para novas possibilidades.

“Ensinou-nos mais sobre como gerir uma empresa, encorajou-nos a criar mais empresas e a confiar tarefas importantes aos nossos empregados”, afirmou Hirondino. A UE e a CNUCED seleccionaram para instituição nacional de acolhimento do Empretec a Prestígio-Liga de Empresários e Executivos de Angola, a organização de formação fundada pelos Garcias, para apoiar a implementação do projecto Train for Trade II. Esta iniciativa apoia Angola na diversificação da sua economia através do reforço das suas capacidades produtivas, incluindo a formação de empresários em competências contemporâneas de gestão empresarial.

As mulheres podem liderar e ter sucesso nos negócios

O papel de Carolina como gestora capaz mostra que as mulheres podem ser líderes fortes no mundo dos negócios.

Hirondino e Carolina têm três filhos – a mais velha é menina – e querem ensiná-los a serem empresários também. Acreditam no potencial das raparigas para terem sucesso nos negócios, tal como os seus empregados, que são maioritariamente mulheres. “Os nossos pais não nos ensinaram competências empresariais, mas nós temos o dever de ensinar os nossos filhos”, disse Hirondino. “Em Angola, tal como noutros locais de África, as raparigas são muito inteligentes e dinâmicas. Só precisamos de as capacitar”.

Antecipam o futuro com entusiasmo. A sua última incursão é um ginásio, a mais recente adição ao seu portefólio. Aventuraram-se na agricultura, cultivando 1000 hectares de terra, contribuindo não só para a segurança alimentar do seu país, mas também para aumentar o seu rendimento.

Em suma, a história de Hirondino e Carolina é sobre amor, trabalho árduo e o impacto positivo que um casal tão dedicado pode ter na sua comunidade e nos negócios.



De um contentor marítimo a um complexo em expansão

Os grandes sonhos de um jovem empresário tornam-se realidade

Há seis anos, 3Adão de Sousa, de 34 anos, vendia vários artigos a partir de um contentor alugado no Soyo, uma cidade costeira no noroeste da província do Zaire, no norte de Angola. Adão tinha aprendido as regras do empreendedorismo com um mentor a quem chama carinhosamente de tio.

Nos seus primeiros tempos, Adão corria atrás de veículos em movimento, vendendo frutas, legumes, produtos avícolas e equipamentos de protecção individual (EPI).

Em Novembro de 2023, encontramos Adão sentado atrás de uma enorme

secretária no seu vasto complexo empresarial. Agora com 40 anos, é o director executivo da Asos Comercial, um conglomerado com interesses que abrangem o petróleo e o gás, a agricultura, a pecuária e as pensões.

O complexo é constituído por um enorme armazém de EPI, com camiões de entrega estacionados nas traseiras. Atrás do edifício principal, Adão está a construir de casas de hóspedes e uma oficina de reparação de veículos ultra-moderna, entre outros projectos.

“Enquanto crescia, tive a sorte de ter um tio que me ensinou as regras do negócio”, disse Adão, recordando o seu

início humilde. “O meu tio sempre me incentivou a trabalhar arduamente e a concentrar-me enquanto jovem.”

Obter informações para diversificar a actividade

Sendo um porto petrolífero próspero, o Soyo acolhe muitas empresas ligadas ao sector petrolífero. Adão começou por explorar esta riqueza vendendo EPIs, como capacetes de segurança e botas, às empresas petrolíferas.

Empresário astuto, diversificou gradualmente a sua carteira de negócios para actividades agrícolas – como a criação de cabras, ovelhas, vacas e aves de capoeira



O meu tio sempre me incentivou a trabalhar arduamente e a concentrar-me enquanto jovem.”

— Adão de Sousa, Director Executivo, Asos Comercial LDA

— bem como a reparação de veículos e o aluguer de casas de hóspedes a empregados do sector do petróleo e do gás durante as suas estadias em terra.

As informações que recebeu há um ano de amigos e parceiros de negócios que tinham participado no programa de formação Empretec alimentaram a sua vontade de diversificar o seu negócio. Não é por acaso que a formação Empretec teve lugar em Junho de 2022 e que ele inaugurou o seu complexo um ano depois, em Maio de 2023.

“Durante vários dias, eles vieram cá e ensinaram-me a correr riscos calculados, a diversificar as empresas e a fazer inteligência de mercado – coisas que nunca imaginei que pudesse aprender”, disse.

“Apesar de já ter aprendido muito, estou à espera da próxima oportunidade para participar pessoalmente. Espero que voltem a organizar esse programa.”

Continua também a receber mentoria e orientação da Soyo Empretec e de Hirondino Garcia, o director-geral do Centro Empretec em Angola.

Com o financiamento da União Europeia, a CNUCED está a implementar um programa Train for Trade II para dotar os empresários angolanos de competências para gerir empresas rentáveis.

Uma nova geração de empresários angolanos

“Pertencço a uma nova geração de jovens empresários do Soyo”, disse Adão. “Não estamos à espera que o governo nos dê o que é preciso. Cada um de nós tem de tomar a iniciativa e avançar.”

Um dos feitos notáveis de Adão é o facto de ter conseguido pressionar o governo para pavimentar a estrada que leva

à sede da sua empresa no Soyo. “Fiz um grande esforço para convencer a administração municipal do Soyo a pavimentar esta estrada. Tornou a nossa localização mais atractiva, e muitas outras empresas estão a surgir ao longo da mesma estrada.”

Com 18 empregados, Adão espera aumentar substancialmente a sua força de trabalho assim que concluir os projectos em curso, como a oficina de reparação de veículos e as casas de hóspedes. Comprometeu-se também a orientar jovens empresários, partilhando a sua história como fonte de inspiração.

“Na realidade, fazer negócios, especialmente comércio, é simples se aprendermos a fazê-lo: compramos, vendemos, e depois compramos mais e vendemos mais. Repete-se sempre o processo”, aconselhou ele aos futuros empresários. “No entanto, também é necessário adquirir literacia financeira. E é preciso ter disciplina e concentração.”

Adão sublinhou o valor de incluir o “conteúdo local” no tecido económico de Angola. Os requisitos de conteúdo local obrigam normalmente as empresas a adquirir uma determinada percentagem dos seus produtos ou serviços a empresas locais em vez de os importar.

Enquanto alguns especialistas consideram estes requisitos como barreiras ao comércio, Adão considera-os cruciais para promover o crescimento económico do país.

Olhando para o futuro, o empresário acredita que o céu é o limite. “Aspiro a expandir os meus negócios, criar oportunidades de emprego para muitos mais dos meus irmãos e irmãs e contribuir para o desenvolvimento da nossa bela província.”

Ensinaram-me coisas que nunca imaginei poder aprender, como assumir riscos calculados, diversificar negócios e fazer pesquisa de mercado.”

— Adão de Sousa, Director Executivo, Asos Comercial LDA

Perspectivar novos mercados além-fronteiras

A formação Empretec abre os olhos de um empresário para as oportunidades da ZCLCA

O empresário angolano Elias Carlos Manuel, de 43 anos, está de olhos postos na Namíbia. Pretende expandir a sua empresa agrícola, exportando produtos – banana, feijão, milho, abacate e limão – para este mercado vizinho. É director-geral das Organizações Carlos Manuel, um grupo empresarial que se dedica predominantemente à agricultura e ao comércio.

Com uma quinta de 140 hectares no Huambo, conhecida como “Nova Lisboa”, no centro-oeste de Angola, Elias vê a exportação como o próximo passo lógico na sua estratégia de crescimento.

A formação dá aos empresários uma nova visão

Em 2019, Elias inscreveu-se na formação Empretec sob os auspícios do programa Train for Trade II, financiado pela União Europeia e ministrado pela Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento. Considerou que esta formação lhe abriu os olhos para identificar as suas oportunidades de crescimento.

Actualmente, aguarda com expectativa a plena implementação da Zona de Comércio Livre Continental Africana (ZCLCA).

A ZCLCA, que representa um mercado consolidado de 1,3 mil milhões de pessoas e um PIB combinado de 3,4 biliões de dólares, promete eliminar as barreiras comerciais transfronteiriças e simplificar os procedimentos nas fronteiras. Segundo o Banco Mundial, poderá gerar cerca de 300 mil milhões de dólares em receitas para os países participantes.

Elias já experimentou o sucesso das exportações: há dois anos, enviou limões, bananas e outros frutos para a Namíbia, num empreendimento lucrativo. “Na



A ZCLCA irá beneficiar-nos muito, simplificando o comércio e permitindo-nos expandir os nossos negócios, o que irá aumentar a actividade económica e criar empregos.” — Elias Carlos Manuel, Director Executivo das Organizações Carlos Manuel

altura, correu bem”, recorda, apesar das más estradas e das medidas rigorosas dos postos fronteiriços.

Ainda assim, disse, “eles precisam dos nossos produtos na Namíbia. Temos clientes prontos e um parceiro de negócios”. Planeia também vender os seus produtos noutras regiões de Angola devido à elevada procura.

Elias prevê uma procura crescente dos seus produtos, tanto a nível local como internacional, e planeia tirar o máximo partido da ZCLCA, se os Estados Partes aplicarem integralmente as suas disposições. “Será muito benéfico para nós, simplificará o comércio e permitir-nos-á expandir o nosso negócio, o que aumentará a actividade económica e criará empregos”, acrescentou.



A Namíbia, com uma população de 2,5 milhões de habitantes, é muito mais pequena do que Angola, com cerca de 36 milhões. No entanto, um nicho de mercado pronto na Namíbia não só garante um fluxo de caixa estável para qualquer empresa, como também integra as economias regionais, em conformidade com os objectivos do pacto comercial.

Diversificar alarga os horizontes

Para além das suas actividades agrícolas, Elias está a desenvolver uma actividade de aluguer de apartamentos e de



armazenamento. Está também a construir uma escola privada.

Atribui grande parte da transformação do seu negócio à formação Empretec em 2019. “A experiência de formação abriu nossas mentes e incutiu a crença no nosso potencial”, disse ele.

Os formadores certificados sublinharam a importância de desenvolver uma visão empresarial clara e de trabalhar para atingir os objectivos organizacionais. “O que o Empretec fez por mim não tem preço”, disse ele.

“O que o Empretec fez por mim não tem preço. A experiência de formação abriu-nos a mente e incutiu-nos a crença no nosso potencial.” — Elias Carlos Manuel, Director Executivo das Organizações Carlos Manuel

O percurso de Elias – que começou com apenas 50 caixas de refrigerantes e é hoje proprietário de um armazém e de apartamentos de dois andares e cultiva dezenas de hectares de terra – é revelador do seu crescimento como empresário. Além disso, Elias deseja contribuir para a sociedade apoiando a educação.

Actualmente, doa livros às escolas do Huambo e fornece periodicamente alimentos às crianças em idade escolar. Entende que, quando as crianças têm acesso a refeições gratuitas na escola, é mais provável que não desistam e aprendam – e a educação faz toda a diferença.

Jovens “Empretec” na missão para transformar o país

A formação EMPRETEC desperta o interesse, com os jovens a



uma ro

abrir o caminho



Numa nespaçosa incubadora de empresas em fase de arranque, situada no coração de Luanda, a movimentada capital de Angola, um grupo de jovens aspirantes a empresários está absorto nos seus ecrãs de computador.

Estão a pesquisar na Internet a próxima grande oportunidade de negócio, a obter informações para os seus planos de negócio, a realizar estudos de mercado ou a avaliar os riscos que estão prestes a correr. O que os une é uma ambição partilhada – alcançar o sucesso como empresários.

Estão conscientes de que o caminho para o sucesso é feito de trabalho árduo. Os seus sonhos vão para além do ganho pessoal; são levados a contribuir para o desenvolvimento do país e para a melhoria das condições de vida das suas famílias.

Estes jovens angolanos intitulam-se orgulhosamente “empretecos”, um termo derivado de “Empretec” – um programa de reforço das capacidades da Conferência das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento (CNUCED) destinado a promover o espírito empresarial e a apoiar as micro, pequenas e médias empresas (MPME) nos países. A UE financia o programa Train for Trade II em Angola, que inclui a formação Empretec.

Uma resolução da Assembleia Geral da ONU classificou o Empretec como um “programa de abordagem comportamental”.

O termo “empreteco” refere-se a qualquer pessoa que tenha participado

Empretec lab in Luanda..



A definição e a prossecução diligente de objectivos foram as principais conclusões da formação” — Mara Francisca Kanganjo, proprietária de uma padaria/pastelaria online.



A formação [em empreendedorismo] incutiu-me autoconfiança e independência financeira”

— Laudiana Nicolau, gestora de uma empresa de formação em empreendedorismo.

no Empretec. Existem cerca de 500 empretecos angolanos, de diferentes idades e géneros e de diferentes partes do país.

O Africa Renewal conversou com cinco jovens empretecos: Laudiana Nicolau – gestora de uma empresa de formação em empreendedorismo, Wilson Kiteque – um proeminente formador de empretecos que tem percorrido várias regiões do país, Mara Francisca Kanganjo – proprietária de uma padaria/pastelaria online, António Pehehaff Neto – fundador de uma empresa gráfica e de branding, e Carla Gabriel Salvador – gestora de uma loja online de jóias e acessórios de moda.



“Estou agora empenhado em dar tudo de mim em todos os empreendimentos que escolher na vida” — Carla Gabriela Salvador, operadora de uma loja online de jóias e acessórios de moda.

O que motivou a mudança para o empreendedorismo?

“Foi a formação em empreendedorismo que concluímos recentemente”, responde Laudiana.

Procurando demonstrar que as mulheres podem quebrar o ciclo de dependência, sublinha: “As mulheres dependem frequentemente dos homens, primeiro do pai como chefe de família e depois casam e tornam-se dependentes dos maridos para tudo. Quero mostrar que as jovens podem ter empresas de sucesso. A formação incutiu-me auto-confiança e independência financeira”.

Mara concorda com as palavras de Laudiana, sublinhando que a definição e a prossecução diligente de objectivos foram as suas principais conclusões da formação.

Carla, agora munida de uma compreensão clara das oportunidades de negócio, das estratégias de diversificação e do empenho necessário para o sucesso, promete: “Estou agora empenhada em dar tudo de mim em todos os empreendimentos que escolher na vida.”

A ênfase da formação nos métodos de gestão empresarial interna e externa, na definição de objectivos, na assunção de riscos calculados, na autoconfiança e nas competências de negociação eficazes foram os pontos altos para Wilson, um dos principais formadores do Empretec.

Assumir riscos

Um tema recorrente para os empretecos é a sua nova vontade de assumir riscos calculados, uma atitude à qual eram anteriormente avessos.

Wilson recorda o fraco interesse dos angolanos quando a formação começou em 2018. No entanto, as recomendações

boca-a-boca levaram a um aumento do interesse.

Ouvir estes jovens empresários sublinha o resultado mais importante da sua formação – uma esperança renovada no seu potencial de sucesso e uma determinação reacendida para atingir os seus objectivos.

Contribuir para o desenvolvimento nacional

“Quero desenvolver o meu país”, afirma Laudiana, com uma determinação palpável.

A visão de António vai ainda mais longe: “O meu objectivo é melhorar as condições de vida da sociedade e apoiar os meus amigos e a minha família. A riqueza pessoal não me interessa; quero ser recordado como alguém que teve um impacto positivo na vida das pessoas.”

As suas aspirações individuais revelam uma maturidade notável que desafia a sua idade, a maioria dos quais está na casa dos 20 anos. A boa notícia é que a formação proporciona um caminho claro para o sucesso, e eles têm acesso à Internet, um recurso valioso para continuar a adquirir inteligência comercial.

“No actual panorama empresarial, o conhecimento é poder”, insiste Wilson, sustentando que o crescente interesse na formação confirma a vontade dos



angolanos de irem além do petróleo e do gás e não dependerem do governo em sectores onde os particulares se podem destacar.

António descreve a formação como muito prática, salientando o facto de ter testemunhado em primeira mão métodos que uma empresa pode utilizar para gerar lucros.

“Foi uma experiência da vida real.



No actual panorama empresarial, conhecimento é poder”

— Wilson Kiteque, um proeminente formador Empretec que viajou por várias regiões de Angola.



“O meu objectivo é elevar a minha sociedade, apoiar os meus amigos e a minha família. A riqueza pessoal não me interessa; quero ser recordado como alguém que teve um impacto positivo na vida das pessoas quando morrer”

— Antonio Pehehaff Neto, fundador de uma empresa gráfica e de branding.branding company.

Formámos grupos e o meu grupo criou uma empresa de fornecimento de sumos. Começámos imediatamente a contactar potenciais clientes e, em três dias, tínhamos vendido produtos no valor de cerca de 170.000 Kwanzas Angolanos (aproximadamente 200 dólares). Foi incrível!”, recorda.

Está agora pronto para aplicar os conceitos que aprendeu durante a formação empretec no seu próprio negócio, tendo como objectivo o reconhecimento nacional e internacional nos próximos cinco anos.

Desafios futuros

No entanto, perante uma miríade de oportunidades numa economia tradicionalmente dominada pelas indústrias

extractivas, os empretecos reconhecem os desafios que enfrentam.

Estes incluem uma economia a recuperar da pandemia da COVID-19, uma moeda flutuante que torna imprevisível a avaliação do risco e a hesitação dos bancos em conceder empréstimos a jovens empresários sem um historial estabelecido.

Mara diz que também se debate com a forte concorrência de empresas bem estabelecidas no seu sector: “Já analisei os números e pergunto-me como é que eles oferecem preços tão baixos pelos seus produtos, considerando que usamos os mesmos materiais”. Descrevendo a concorrência como desleal, Mara espera enfrentá-la redefinindo o seu mercado-alvo.

Laudiana acredita que é necessário mudar a mentalidade das pessoas em

relação à literacia financeira. “As pessoas devem começar a entender como funciona o dinheiro. Será útil.”, diz ela.

A principal preocupação de Wilson é o ambiente económico, salientando que o empreendedorismo requer políticas de apoio para prosperar.

No entanto, parte da iniciativa holística Transforming4Trade da CNUCED inclui a análise das políticas actuais e a recomendação ao governo das políticas que podem ajudar a criar um ambiente propício ao desenvolvimento do espírito empresarial.

Quando os empretecos regressam às suas estações de trabalho após a nossa conversa, Wilson tem uma última mensagem: “Por favor, transmitam a todos que esta formação deveria ser obrigatória para todos os jovens em Angola e em toda a África. Temos de mudar o destino deste continente”.



Reitora de universidade abre o caminho para mais mulheres em cargos de topo

A Professora Virgínia Lacerda Quartim é reitora da Universidade José Eduardo dos Santos, na província do Huambo

Virgínia Lacerda Quartim, reitora da Universidade José Eduardo dos Santos, no Huambo, província do Huambo, é a única mulher a dirigir uma universidade no país. Noutros países, o cargo é designado por Presidente ou Vice-Chanceler.

A Professora Virgínia Quartim venceu as eleições para o cargo em 2021 com uma vitória esmagadora, obtendo mais de 90 por cento dos votos expressos, de

acordo com Max Vicente, professor da Faculdade de Medicina Veterinária da universidade.

Em entrevista ao Africa Renewal no seu escritório no Huambo, Virgínia Quartim diz que foi motivada a concorrer ao cargo “porque queria abrir caminho para mais mulheres.”

“Quero que as mulheres e as raparigas acreditem que têm competências e capacidades iguais às dos homens, mas têm de ter coragem”, afirma.

Virgínia Quartim, que é professora

de agronomia, explica que as mulheres trazem “uma racionalidade e sensibilidade únicas aos processos de tomada de decisão, o que pode promover uma maior inclusão”.

Com a inclusão, acrescenta: “Estamos a falar de alcançar um desenvolvimento harmonioso do país”.

É muito popular entre os estudantes e o corpo docente, facto que o seu colega Max Vicente atribui ao seu estilo de liderança.

“Ela é directa e dura; é muito



huambo para

simpática, mas firme. Está sempre a lutar pelos interesses da universidade e todos nós gostamos dela”, acrescenta.

Tem uma visão extraordinária do funcionamento de uma universidade com uma população estudantil de mais de 10.000 pessoas.

“Ela ensina na universidade há mais de 30 anos. Por isso, compreende-nos, compreende as nossas necessidades, como levar a universidade para o próximo nível”, diz ele.

A Professora Virgínia Quartim diz que a universidade tem a reputação de ser um centro de excelência, desenvolvendo estudantes que contribuem de diversas formas para a sociedade.

Parceria com a CNUCED

Actualmente, a Universidade José Eduardo dos Santos está a estabelecer uma parceria com o governo angolano, a Conferência das Nações Unidas para o Comércio e Desenvolvimento (CNUCED) e a União Europeia (UE) para implementar um projecto que capacita as mulheres na produção de mel.

O projecto insere-se no âmbito da iniciativa “Transforming4Trade” da CNUCED, que procura novas vias para a diversificação e o “desenvolvimento de cadeias de valor competitivas, maior apoio ao espírito empresarial”, explorando cadeias de valor regionais e globais”, segundo Paul Akiwumi, director da Divisão para África, Países Menos Desenvolvidos e Programas Especiais da CNUCED.

O Dr. Max Vicente é o ponto focal da universidade para o projecto Transforming4Trade, que envolve a participação de muitos estudantes.

Angola tem uma reputação relativamente progressista no que respeita à participação das mulheres em cargos políticos de topo.

Em entrevista recente ao Africa Renewal, o Representante Permanente de Angola junto das Nações Unidas, Embaixador Francisco José da Cruz, afirmou que as mulheres ocupam cerca de 40 por cento dos cargos de topo do Governo, incluindo o de Vice-Presidente.

A Prof. Virgínia Quartim espera que, num futuro próximo, haja mais mulheres a dirigir universidades em Angola.

A Universidade José Eduardo dos Santos, que recebeu o nome do antigo Presidente de Angola, tem uma história rica.

Fundada no início dos anos 90, tem sido um farol de educação e investigação no centro de Angola.

A universidade oferece uma vasta gama de programas em ciências, humanidades e tecnologia, reflectindo as diversas necessidades educativas da população angolana.

A cidade do Huambo

A cidade do Huambo, onde se situa a universidade, é um dos centros urbanos mais importantes de Angola e tem

desempenhado um papel crucial na história do país.

Fundada no início do século XX, durante a época colonial, cidade do Huambo foi conhecida como Nova Lisboa até 1975. Tem sido palco de importantes actividades culturais e políticas, contribuindo de forma significativa para a história da independência e pós-independência de Angola.

Ao longo da sua história tumultuosa, particularmente durante a Guerra Civil Angolana, o Huambo enfrentou desafios consideráveis.

No entanto, a cidade emergiu como um símbolo de resiliência e reconstrução. A presença da Universidade José Eduardo dos Santos no Huambo sublinha o empenhamento da cidade na educação e no progresso.

O impacto da universidade

O impacto da universidade vai para além dos estudos académicos. É um contribuinte vital para a economia e a vida cultural do Huambo, acolhendo vários programas de envolvimento da comunidade e eventos culturais.

Estas actividades não só enriquecem a experiência dos estudantes, como também reforçam a ligação entre a universidade e a comunidade local.

Nos últimos anos, a universidade tem-se concentrado no desenvolvimento sustentável e em projectos baseados na comunidade.

O projecto de produção de mel é um exemplo deste compromisso. Estas iniciativas não só proporcionam competências práticas aos estudantes, como também contribuem para o desenvolvimento económico e social do Huambo e de Angola em geral.

A Prof. Virgínia Quartim almeja a uma universidade que não só se destaque no domínio académico, mas também desempenhe um papel fundamental na formação de uma Angola mais equitativa e próspera.

O Dr. Max Vicente diz que a liderança da Professora tem a ver com a gestão do presente, bem como com a projecção e construção de um futuro melhor para a universidade, os seus estudantes e a comunidade em geral.

Do petróleo à agricultura sustentável

Empresários do Soyo exploram oportunidades em iniciativas ecológicas

Domingo Nvita Manuel Judite geria uma pensão e uma empresa de aluguer de automóveis no Soyo, província do Zaire, norte de Angola, ao serviço dos trabalhadores do sector petrolífero offshore.

Nesta região rica em petróleo, a economia gira em torno da indústria petrolífera, pelo que é natural que os empresários procurem oportunidades ligadas a este sector.

Mas a constante flutuação dos preços globais do petróleo tem vindo a prejudicar as empresas locais, levando Domingo e outros empresários da província do Zaire a considerar a diversificação.

Formação

Felizmente, em Julho de 2022, ele e mais 25 pessoas participaram num programa de formação Empretec que os incentivou e equipou com os conhecimentos necessários para explorar novas oportunidades de negócio sustentáveis, assumir riscos calculados e monitorizar os objectivos estabelecidos. Com o apoio técnico da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (CNUCED), a Instituição Nacional de Acolhimento do Empretec, Prestígio-Liga de Empresários e Executivos de Angola, implementa o Programa Conjunto UE-CNUCED para Angola, Train for Trade II.

A iniciativa reuniu vários parceiros, incluindo a Associação de Empresários da Província do Zaire (ASEEZ), da qual Domingo é o actual presidente.

O empresário e os seus colegas estão agora a diversificar a sua actividade para

a agricultura sustentável – cultivando, transformando e distribuindo legumes e frutas biológicos para consumo local e exportação.

Ao discutir as oportunidades e os desafios do sector com a Africa Renewal no Soyo, Domingo e outros executivos da ASEEZ, incluindo o primeiro vice-presidente Kiangani Nti Jose Pedro, o segundo vice-presidente Ribeiro Pascal Sebastião, e o secretário-geral Teófilo Mabinga Tati, disseram que pretendem romper com a natureza cíclica do mercado petrolífero, promovendo actividades empresariais sustentáveis.

Domingo afirmou: “Queremos transformar a província do Zaire num importante centro comercial de Angola – e sem dinheiro do petróleo”.

“Queremos mudar a mentalidade empresarial em Angola, e o agronegócio é a próxima grande novidade”, acrescentou Kiangani.

Os astros estão alinhados

Acreditam que os astros estão alinhados a seu favor.

Em primeiro lugar, a província do Zaire tem uma vantagem geográfica estratégica. O Soyo está situado na fronteira com a República Democrática do Congo (RDC), separado apenas pelo rio Congo e oferecendo oportunidades para o comércio transfronteiriço.

Actualmente, o comércio transfronteiriço é sobretudo informal, com comerciantes que transportam mercadorias como batatas e tomates por barco entre países.

Em segundo lugar, nas terras férteis da Província do Zaire cultivam-se frutas e legumes, e o aumento da produção destes



produtos irá catalisar a economia local, gerar empregos e impulsionar o comércio com os países vizinhos.

Em terceiro lugar, existem novas tecnologias que podem impulsionar de forma sustentável e significativa a pecuária.

Desafios

No entanto, os processos rigorosos nos postos fronteiriços e os elevados direitos aduaneiros impedem o comércio transfronteiriço. Por outro lado, a integração dos comerciantes informais num processo formal promoverá um ecossistema económico sustentável, o que aumentará as receitas das autoridades, explicaram.

Outro desafio é a falta de financiamento dos bancos e de outras instituições financeiras, uma preocupação que Kiangani partilhou: “Tenho até 350 hectares de terra e só estou a cultivar 20 hectares. Gostaria de expandir o meu negócio, mas para isso é preciso muito dinheiro, que não tenho”.

Cultiva tomates, pimentos, mangas



e cria gado e aves de capoeira – cabras, vacas e galinhas. Vende os tomates a uma empresa intermediária no Soyo, que os transforma e revende a consumidores de luxo.

Será possível eliminar a empresa intermediária? Sim, sublinhou, mas isso exigirá muito mais poder financeiro do que aquele de que dispõe actualmente. Precisaria de um grande armazém e de investir fortemente em marketing, marca, embalagem e transporte.

Além disso, há problemas relacionados com doenças das plantas, como os fungos. São necessários pesticidas que possam acabar com qualquer fungo, insecto ou doença das plantas e evitar a destruição de toneladas de produtos como o tomate.

Outro desafio é a mecanização, porque o trabalho manual é moroso e dispendioso. Kiangani observou: “Neste momento, empregamos muitas pessoas em diferentes alturas do ano, perdemos muito tempo e pagamos muito dinheiro.

A mecanização vai aumentar a produtividade e, conseqüentemente, os ganhos que podem ser reinvestidos no negócio”.

“Se pudermos comprar um tractor, podemos modernizar a produção”, corroborou Domingo, que espera organizar os ASEEZ numa cooperativa para lhes permitir ter um maior poder de barganha nas negociações com as instituições financeiras.

Poupar para a educação

Muitos jovens, homens e mulheres, vivem e trabalham nas quintas de Kiangani, a maioria na esperança de poupar dinheiro e regressar à escola. Por exemplo, João Manuel, o gestor da exploração, aspira a adquirir uma formação universitária. “Estou a poupar para tirar uma licenciatura em agricultura”, disse ele, reflectindo um compromisso com o desenvolvimento de competências e a melhoria dos conhecimentos. “E quando terminar, voltarei à agricultura.”

Após algumas tentativas infrutíferas,

O Presidente da Aseez Domingo Nvita Manuel Judite (segundo a contar da direita) ladeado pelo Vice-Presidente Kiangani Nti Jose Pedro e pelo Secretário-Geral Teofilo Mabinga Tati, com o Segundo Vice-Presidente Ribeiro Pascoal Sebastião (à esquerda).

Kiangani tenta mais uma vez a sua sorte negociando um acordo com um banco que poderia levar ao estabelecimento de uma fábrica de lacticínios nas quintas.

“O nosso objectivo é ordenhar as vacas aqui [nas quintas], produzir queijo, iogurte e outros produtos lácteos para o mercado local e exportar para outros países”, explicou, enquanto os rebanhos de cabras e vacas vagueavam. “Temos uma oportunidade de exportar para os dois Congos”. Estava a referir-se à República do Congo e à República Democrática do Congo.

Com novas competências – cortesia da CNUCED, do governo e da UE competências –, ideias inovadoras e uma visão de um futuro mais sustentável e próspero, os empresários do Soyo estão ansiosos por fazer a transição do petróleo para a agricultura sustentável.



“Transforming4Trade” vai remodelar as economias africanas

O desenvolvimento de infra-estruturas é fundamental, uma vez que trabalhamos para criar as ligações de transporte necessárias para a diversificação em sectores como a agroindústria e a transformação – Paul Akiwumi

Paul Akiwumi, Director da Divisão para África, Países Menos Avançados e Programas Especiais da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (CNUCED), foi a Nova Iorque em Setembro para promover a nova Iniciativa de Alto Impacto da sua organização, Transforming4Trade. **Kingsley Ighobor**, da Africa Renewal, discutiu esta iniciativa e os seus benefícios para os países africanos com o Dr. Akiwumi. Eis alguns excertos dessa conversa.

Viajou para Nova Iorque, em parte, para o lançamento de Transforming4Trade, uma iniciativa destinada a alterar as estruturas comerciais e económicas de África. Pode dizer-nos mais sobre esta iniciativa?

Para participar no comércio internacional, um país deve produzir bens ou serviços cada vez mais avançados e tecnologicamente complexos. Esta iniciativa visa alcançar a transformação estrutural através de uma abordagem holística do desenvolvimento económico e não através de modelos tradicionais como a dependência de produtos de base ou sectorial.

O nosso evento destacou o sucesso do nosso programa-piloto em Angola, onde estamos a operar há sete anos. Ajudámos com êxito a orientar o país para o seu principal objectivo de desenvolvimento nacional de diversificar a economia, afastando-a da dependência do petróleo.

Os nossos esforços apoiaram a reforma de numerosas políticas, ajudaram a identificar novas vias para a diversificação e apoiaram concretamente o desenvolvimento de cadeias de valor competitivas, aumentaram o apoio

ao empreendedorismo, exploraram as cadeias de valor regionais e globais, melhoraram as capacidades de negociação comercial e de cumprimento das normas internacionais em matéria de exportações e prestaram assistência na logística comercial, entre outros.

Além disso, contribuímos para a formulação de novas políticas de investimento e industriais que ligam estas componentes vitais.

O desenvolvimento das infra-estruturas é fundamental, uma vez que trabalhamos para criar as ligações de transporte necessárias para a diversificação em sectores como a agro-indústria e a transformação.

Porque é que escolheram mostrar o sucesso de Angola em Nova Iorque?

O caso de Angola é uma demonstração dos resultados e do impacto profundos que podem ser alcançados através da implementação de uma abordagem baseada em provas, holística e multisectorial do desenvolvimento económico, com uma visão a longo prazo. Estamos a procurar activamente novos parceiros.

O nosso objectivo não é apenas

destacar a nossa abordagem, mas também anunciar que lançámos recentemente iniciativas semelhantes no Quénia e na Etiópia.

Temos também planos para Moçambique, Malawi e Zâmbia. Com efeito, estarei na Zâmbia em Outubro para lançar uma iniciativa nesse país.

Esta iniciativa destina-se exclusivamente aos países africanos?

Não, trata-se de uma iniciativa global. Temos planos para mais países, como as Honduras. O reforço da capacidade produtiva é uma preocupação universal e a nossa abordagem holística oferece uma perspectiva interligada do desenvolvimento produtivo.

Durante o nosso evento em Nova Iorque, recebemos manifestações de interesse de mais de 20 outros países, o que indica um interesse global crescente. O nosso objectivo é ter um número significativo de países a participar nesta iniciativa até 2030.

Há algum país africano entre os 20 que manifestaram interesse na vossa iniciativa?

Sim, temos um interesse significativo de países africanos, incluindo a Nigéria, onde estamos actualmente activos.

Para além da Avaliação de Lacunas da Capacidade Produtiva Nacional, estamos a explorar uma abordagem mais detalhada na Nigéria, trabalhando a nível estatal. Com este nível de pormenor, o governo pode obter informações sobre as capacidades produtivas de cada estado e orientar as suas políticas para promover a produção de bens e serviços de forma mais eficaz.

Estamos também a assumir uma perspectiva regional, avaliando as capacidades produtivas nas Comunidades Económicas Regionais, como a CEDEAO e a SADC.

Como é que se envolvem com estes países?

Colaboramos com países individuais a nível bilateral e através de organizações

regionais como a União Africana. A nossa estratégia de envolvimento depende dos constrangimentos específicos identificados em cada país.

Utilizamos um índice baseado em dados, o Índice de Capacidades Produtivas (ICP), para identificar os desafios. Subsequentemente, efectuamos uma avaliação das lacunas para descobrir constrangimentos, oportunidades e lacunas. Com base nesta avaliação, elaboramos um programa abrangente para abordar as principais questões.

Avaliaram o impacto efectivo desta iniciativa?

Em grande medida, sim. O nosso programa de empreendedorismo, por exemplo, tem apoiado com sucesso os empresários, ajudando-os a desenvolver modelos de negócio e a entrar em novos sectores.

Em Angola, 30 das 100 maiores empresas privadas foram submetidas ao nosso processo, tendo 85% delas registado um aumento das vendas. Para além disso, observa-se uma taxa de crescimento anual de emprego de 72% nestas empresas.

A nível institucional, o nosso apoio à capacidade do sector privado para exportar produtos como o mel levou ao desenvolvimento de quadros e infra-estruturas de certificação no país.

Os laboratórios angolanos estão agora mais bem equipados para lidar com a certificação, incluindo normas fitossanitárias, não só para o mel, mas também para vários produtos agro-transformados.

Como é que esta iniciativa se alinha com os objectivos da Zona de Comércio Livre Continental Africana (ZCLCA)?

A iniciativa está fortemente alinhada com a ZCLCA.

A nossa iniciativa trabalha para desenvolver as capacidades dos países em toda a cadeia de valor. Por exemplo, se Angola produzir mel, mas não os frascos de vidro necessários para a embalagem, outro país africano pode intervir para preencher essa lacuna.

Sem tarifas ou direitos aduaneiros

ao abrigo da ZCLCA, os países podem comercializar, processar, certificar e exportar livremente estes produtos.

O comércio global envolve vários países. Está a apoiar não só Angola, mas também os seus parceiros comerciais?

Sim, esse é um aspecto crucial. Lembrem-se de que a nossa iniciativa complementa, e não substitui, as estratégias nacionais de desenvolvimento. Também se alinha com os esforços mais alargados das Nações Unidas. A nossa abordagem é orientada pela procura e responde aos pedidos de assistência dos países.

A colaboração entre países é fundamental. Consideremos a indústria automóvel, onde diferentes países podem produzir vários componentes. Trabalhando em conjunto e melhorando as suas capacidades, poderiam fabricar todos os componentes no continente africano e comercializá-los livremente ao abrigo da ZCLCA. O mesmo se aplica à indústria farmacêutica.

No nosso relatório sobre o desenvolvimento económico em África em 2023, fizemos um levantamento das capacidades tecnológicas de vários países africanos. Com a livre circulação em todo o continente, os países poderiam aproveitar estas capacidades colectivamente.

Como é que asseguraram a sustentabilidade desta iniciativa?

Em primeiro lugar e acima de tudo, os países são totalmente donos do programa e cada um deve estabelecer a sua própria estrutura de governação específica, incluindo um comité director que represente todos os ministérios relevantes.

Por exemplo, em Angola, este comité é composto por vários ministros, representando até 23 ministérios envolvidos na implementação do programa, que se reúnem semestralmente para supervisionar o programa. Além disso, um comité técnico, com membros de todos os ministérios, apoia os esforços de implementação.

Por outro lado, o sector privado, o meio académico e os representantes da



sociedade civil participam nas reuniões e consultas pertinentes. Estes são alguns dos principais interlocutores no terreno..

A CNUCED, juntamente com os seus Centros de Excelência, as redes de parceiros alargados e as agências relevantes das Nações Unidas, presta apoio técnico.

Com o tempo, a iniciativa passará a fazer parte do trabalho normal dos ministérios governamentais, das entidades do sector privado e dos currículos universitários.

Esta iniciativa incide sobre as tecnologias verdes?

Sim, é verdade. África possui minerais cruciais para a transição global para a energia verde.

A África tem o imperativo de acrescentar valor a estes minerais em vez de os exportar como matérias-primas. Por exemplo, a utilização de energia verde para processar o cobalto em África é mais ecológica do que enviá-lo para outro continente para ser processado com energias que emitem carbono. Para tais processos,

África deveria aproveitar os seus abundantes recursos de energia verde.

Além disso, a África deve adoptar tecnologias ecológicas para se manter competitiva. Este aspecto é cada vez mais importante à medida que os países adoptam e aplicam progressivamente políticas para fazer face às alterações climáticas, especialmente os que utilizam a política comercial como principal instrumento.

A África deve também investir em tecnologias ecológicas para reduzir as suas emissões e evitar essas penalizações quando exporta para fora do continente.

Qual é o grau de receptividade dos países em relação ao empoderamento das mulheres na vossa iniciativa?

A capacitação das mulheres é um aspecto importante do desenvolvimento económico. Muitas empresas dirigidas por mulheres fazem parte do nosso programa de empreendedorismo, que apoia activamente a sua capacitação.

A economia criativa, proeminente em África com indústrias como a Nollywood,

beneficia grandemente das contribuições das mulheres. Em sectores como o turismo, em que as mulheres desempenham papéis importantes, esforçamo-nos por garantir que elas tenham oportunidades iguais para maximizar as suas contribuições para as economias nacionais e para o seu próprio bem-estar.

Embora muitos sectores económicos continuem a ser dominados pelos homens, recorremos a soluções criativas para aumentar a participação das mulheres.

As nossas análises integram plenamente a perspectiva de género e consideram outros grupos específicos que requerem uma atenção especial, como os jovens. As recomendações políticas visam, por conseguinte, questões e práticas que podem ajudar a capacitar as mulheres e os grupos marginalizados

O que considera serem resultados de sucesso para o continente?

Dois desenvolvimentos são fundamentais: em primeiro lugar, África deve operacionalizar plenamente a ZCLCA. Os países estão actualmente a alinhar as suas políticas com a ZCLCA e temos de dar prioridade à sua implementação. Tirar partido do vasto mercado africano pode impulsionar a transformação estrutural.

Em segundo lugar, a África tem de acrescentar valor às suas matérias-primas, sobretudo porque o mundo necessita de minerais essenciais para a transição para as energias renováveis. Não nos podemos dar ao luxo de continuar a exportar como matérias-primas os minerais que se encontram predominantemente em África.

Nos próximos cinco anos, prevejo que África se organize para acrescentar valor a estes recursos, fornecendo ao mundo os factores de produção essenciais para o desenvolvimento das energias renováveis.

Esta transformação conduzirá a empregos dignos, ao aumento dos rendimentos, à melhoria dos serviços sociais e, sobretudo, a mais oportunidades de emprego de alta tecnologia para os nossos jovens.

Poderá Angola tornar-se o centro logístico de África?

Sim, de acordo com Catarino Fontes Pereira, director da agência angolana de regulação da logística

Para ajudar a diversificar a economia, a Agência de Certificação de Carga e Logística de Angola (ARCCLA) supervisiona a implementação dos projectos da rede logística do país. Nesta entrevista com Kingsley Ighobor, da Africa Renewal, Catarino Fontes Pereira, presidente do conselho de administração da ARCCLA, falou sobre o potencial dos projectos actuais para promover o desenvolvimento económico nacional e regional.

Por que razão enviou alguns dos seus funcionários para a formação organizada pela Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (CNUCED)?

Temos a responsabilidade de regular e supervisionar a logística em Angola. Através do nosso Ministério dos Transportes, a CNUCED ajuda na formação dos angolanos, incluindo os jovens. Temos de desenvolver as capacidades dos nossos funcionários para que possam ter um desempenho mais eficiente.

Como sabe, a ARCCLA é uma instituição muito jovem. Precisamos de um certo nível de conhecimentos sobre como conduzir processos de PPP (parcerias público-privadas), por exemplo.

O nosso pessoal deve compreender variáveis importantes na estruturação de um projecto.

A CNUCED possui um vasto conhecimento sobre logística em todo o mundo, especialmente em África, pelo que recorreremos à sua ajuda para dar os primeiros passos na execução do projecto. Assim, a equipa aprendeu alguns conceitos importantes.

Começaram a aplicar esses conceitos no vosso trabalho?

Sim. Um dos conceitos que aprendemos foi a partilha de riscos. Na criação de projectos de PPP, temos de perceber como partilhar os riscos envolvidos. Nós representamos o governo e o nosso parceiro





pode representar um concessionário, pelo que temos de partilhar os riscos.

Outro conceito foi o da viabilidade do projecto. Temos de compreender como realizar estudos que tornem um projecto viável para instituições internacionais como o Banco Mundial, o Fundo Monetário Internacional e outras.

Tenciona organizar mais formação para a sua equipa?

Claro que sim! O reforço das capacidades deve ser um processo contínuo. O desenvolvimento de qualquer instituição depende sobretudo do capital humano. Quando as pessoas são bem instruídas e bem capacitadas, desenvolvem a nossa instituição. Somos uma instituição criada há poucos anos, pelo que precisamos de aprender e crescer para atingir o nível que pretendemos alcançar. Por isso, temos de estar muito bem preparados.

Qual é a sua situação ideal para a logística em Angola?

Estamos a esforçar-nos por atingir um nível aceitável. O nível de interoperabilidade da nossa logística ainda não é estável entre os membros da cadeia logística. Faltam muitos elementos. Temos de reunir com os operadores para que compreendam o seu papel e o papel do governo.

Quando conseguirmos harmonizar e sincronizar o nosso trabalho, Angola terá um nível de logística aceitável.

Quando? No próximo ano? 2025? 2030??

O mais rapidamente possível. Pensamos que, em 2025, podemos atingir um nível significativamente melhor do que aquele em que nos encontramos actualmente.

Coordenam a logística com os vossos homólogos noutros países, nomeadamente nos países vizinhos?

A nível continental e sub-regional,

Ver a página 39





Produtores de mel contribuem para a economia rural e conservam a biodiversidade

Com o apoio de uma universidade local e da CNUCED, os apicultores da província do Huambo aumentam a produção de mel e acrescentam valor aos seus produtos

Nas prateleiras dos supermercados das cidades e vilas angolanas, o mel Maxmel encontra-se em destaque, disponível em vários tamanhos e formatos. Estes produtos de mel ostentam o rótulo “Made in Angola” e indicam a sua qualidade 100 por cento natural e biológica.

Max Vicente, professor de medicina veterinária na Universidade José Eduardo dos Santos, fundou a Maxmel Honey no Huambo, no norte de Angola, em 2012. O seu principal objectivo era criar uma solução comercial para os apicultores locais que não sabiam o que fazer com os seus excedentes de mel.

Os apicultores vendem agora o mel excedente à Maxmel Honey, que o

transforma, embala e distribui a supermercados e lojas de retalho em todo o país.

Mas a procura de mel continua a ultrapassar a oferta, explica o Professor Vicente numa entrevista à Africa Renewal no Huambo. A empresa planeia aumentar a produção para satisfazer a procura local e potencialmente exportar para países vizinhos como a República Democrática do Congo (RDC) e o Botswana.

Formação

Sob os auspícios do programa financiado pela UE, Train for Trade II, seminários e sessões de formação organizados pela Conferência das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento (CNUCED) e pela Universidade José Eduardo dos Santos deram a conhecer aos produtores de mel locais técnicas modernas de produção, montagem de colmeias, atracção e gestão de abelhas e colmeias e extracção de mel.

Simao Samoma and Leonardo Bacia De Lourdes manage more than 213 beehives in Kalima, Huambo Province.

O mel e a aquicultura são elementos-chave da componente de iniciativas ecológicas do programa “Train for Trade II”.

Tradicionalmente, o processo começa com a escavação de troncos de árvores, a utilização de folhas perfumadas para atrair os insectos que zumbem para os troncos das árvores e, em seguida, a defumação das abelhas antes da recolha do mel.

Trata-se de um método que apresenta riscos e afecta a qualidade e o sabor do mel. As acções de formação, entre outros benefícios, ofereceram soluções inovadoras, como a utilização de geleia perfumada importada, que minimiza os riscos e contribui para a conservação da biodiversidade.

Resultados

Os resultados da formação são evidentes: actualmente há cerca de cem mil apicultores em todo o país.

Amadeu de Jesus Leitão Nunes, Secretário de Estado do Comércio de Angola, afirma: “Todas as zonas do país – Huambo, Cuando Cubango, Moxico, etc. – têm mel e, quando participamos nas feiras locais, vemos muito mel de alta qualidade.”

Para um país que depende do petróleo, que representa quase 94% das suas receitas de exportação, o actual enfoque na produção de mel alinha-se com os seus objectivos mais amplos de diversificação económica.

A melhoria dos métodos de apicultura poderá aumentar a produção de mel de 90 para 200 toneladas por ano, de acordo com as estimativas da CNUCED.

A produção de mel é relativamente amiga do ambiente e pode potencialmente melhorar os meios de subsistência, particularmente das mulheres rurais. O Professor Vicente sublinha que “a formação foi concebida para apresentar aos agricultores novas técnicas que minimizam os danos ambientais”.

Além disso, a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura salienta que 75% das culturas mundiais consumidas pelos seres humanos dependem de polinizadores, incluindo as abelhas, o que significa que



Beekeepers in Kalima.

as abelhas são boas para os sistemas alimentares.

Centros de criação de abelhas

As comunidades do Bailundo e Kalima parecem ser os centros de criação de abelhas na província do Huambo.

No Bailundo, um grupo de 45 mulheres e seis homens que formaram a Cooperativa Agrícola Katiavala registaram um aumento notável na produção de mel depois de adoptarem as novas técnicas de produção.

A vice-presidente da cooperativa, Júlia Nangueve, afirma que a formação foi benéfica, com melhorias tangíveis nos seus meios de subsistência.

Em Kalima, outro grupo, composto por 70 homens e 34 mulheres, gere uma rede de 213 colmeias espalhadas por 42

hectares de terreno agrícola, onde também cultivam abacates, laranjas, mandioca, ananases, batatas, limões, mangas e outras culturas.

Reflectindo sobre o seu percurso, Simão Samoma, chefe do grupo em Kalima, disse que começaram a criar abelhas para obter mel para consumo pessoal, devido ao elevado custo do açúcar. Depressa descobriram os benefícios para a saúde de comer mel e as vantagens económicas de produzir mel.

Coordenam-se com o Professor Vicente, beneficiam de formação de acompanhamento e fornecem mel não transformado à Maxmel Honey.

O adjunto do Sr. Samoma, Leonardo Bacia De Lourdes, diz que agora pode sustentar os seus oito filhos. Antevê um futuro melhor para eles, incluindo ir para a universidade. Tal como os rapazes, as suas quatro filhas estão activamente

envolvidas no trabalho agrícola. “As raparigas trabalham ainda melhor do que os rapazes”, diz ele.

A Universidade José Eduardo dos Santos realiza pesquisas sobre o mel e forma estudantes que, por sua vez, se aventuram nas comunidades para dar orientação contínua aos produtores de mel.

O Sr. Vicente sublinha a importância da certificação e do valor acrescentado como componentes cruciais do crescimento do sector.

Desafios

Apesar destas perspectivas positivas, os produtores de mel angolanos estão perfeitamente conscientes dos desafios que enfrentam, incluindo a falta de equipamento de protecção individual (EPI)

adequado, o que os deixa vulneráveis às picadas das abelhas.

Além disso, necessitam de formação contínua para se manterem a par da evolução das técnicas, salienta o Sr. Samoma.

Referem que as terras agrícolas devastadas pelos incêndios necessitam de reabilitação e que a reflorestação poderia traduzir-se num melhor ambiente e gestão das abelhas.

O Sr. De Lourdes sugere que um maior investimento no sector poderia ajudá-los a expandir a produção, multiplicando o número de colmeias e alcançando o sonho da colheita de mel 24 horas por dia, 7 dias por semana.

Por último, as explorações de mel estão frequentemente situadas em locais remotos, o que reforça a necessidade de

transportes eficientes para aumentar a eficiência operacional.

Em Angola, a produção de mel está directamente relacionada com a capacitação das comunidades rurais, a conservação da biodiversidade e a transformação de vidas. Ao abraçar a inovação, os produtores de mel angolanos já estão a contribuir para uma agricultura sustentável e diversificação económica que o país ambiciona.

Poderá Angola tornar-se o centro logístico de África?

da página 35

estamos a trabalhar em conjunto. Somos membros da Union of African Shippers' Councils, uma instituição africana onde partilhamos informações comerciais e discutimos estratégias para o desenvolvimento da logística em África.

Angola é também signatária do Acordo de Comércio Livre Continental Africano (ZCLCA), e estamos constantemente a discutir com outros países áreas de colaboração em matéria de comércio livre.

Nas suas conversas com representantes de outros países, sente uma certa dinâmica no desenvolvimento das infra-estruturas necessárias para acelerar a operacionalização da ZCLCA?

Sim, e temos bons exemplos. O Senegal, por exemplo, desenvolveu os seus portos a um nível muito elevado. A Etiópia está a fazer muito no desenvolvimento e organização da logística. A África do Sul está a construir grandes infra-estruturas. Em Angola, acabámos de inaugurar um novo aeroporto que fará de nós uma plataforma logística, não só em África,

mas também para ligar África à Ásia e à América do Sul.

De que sistemas logísticos está a falar especificamente?

Incluem infra-estruturas para trazer os produtos das grandes explorações agrícolas. Temos de ter a capacidade de transportar os produtos do campo para uma instalação de armazenamento. Temos de ter a capacidade de realizar inspecções fitossanitárias para podermos preparar estes produtos para a exportação e para o mercado interno.

Como é que a melhoria das infra-estruturas apoia os empresários angolanos?

Temos um programa estratégico de desenvolvimento de infra-estruturas logísticas em Angola. Tendo em conta as nossas necessidades, identificámos seis localizações estratégicas.

Duas situam-se na região norte. A primeira é no Luvo, onde partilhamos uma fronteira com a República Democrática do Congo (RDC). O Luvo é

importante devido ao seu elevado nível de comércio.

A segunda é no Soyo, um importante centro petrolífero na província do Zaire. Precisamos de infra-estruturas logísticas devido à nova refinaria de petróleo na província do Zaire.

O terceiro e o quarto são o Corredor do Lobito e a Caála, na província do Huambo, o principal pólo agrícola de Angola.

O quinto é Luau, na fronteira ocidental entre Angola e a RDC.

Por último, o sexto é em Arimba, na província da Huíla, estrategicamente posicionado para facilitar a exportação de pedras ornamentais como o mármore e o granito.

Assim, quando estes seis locais de logística estiverem a funcionar eficazmente, podemos dizer que Angola tem uma operação logística organizada. Estamos a caminho de ser um centro logístico, e com o apoio de organizações como a CNUCED, vamos lá chegar!



Frescos do Dia

clássico

quente e bom

PÃO de
FORMA
simples



500 g